



PROPOSTA – Escola Nacional de Bombeiros (ENB)

Entendemos de manifesta importância a reestruturação geral da Escola Nacional de Bombeiros...

Relativamente ao tipo de Escola Nacional de Bombeiros que se pretende, entendemos como uma mais-valia que esta passe a ministrar formação superior, aliada as competências que detém enquanto escola profissional, à possibilidade de construção de um percurso de formação superior por parte dos bombeiros.

Neste sentido, é urgente que a presidência da Escola seja assumida por alguém com conhecimentos do funcionamento do ensino em Portugal de modo a transformá-la num Instituto Politécnico capaz de ministrar formação técnica, profissional e superior. O presidente seria o responsável máximo por todo o planeamento e formação a ministrar pela escola, sendo que a organização da mesma deveria ser objeto de uma estratégia global e integradora de todas as áreas do conhecimento em matéria de proteção e socorro. Esta estratégia deveria assumir caráter de percurso coerente e consolidado e não de áreas, de peças isoladas, coordenadas de modo autónomo, sem que se garanta a devida articulação entre as mesmas e a necessária integração numa estratégia global, abrangente e coerente.

Devem ainda ser revistos os critérios para acesso à formação da Escola, garantindo isenção e igualdade de oportunidade no acesso à formação por parte dos Bombeiros.

Deve ser definido um plano anual de formação que atribua vagas específicas em função das características da área de atuação de cada corpo de bombeiros, nomeadamente no que se refere aos tipos de riscos presentes no território e às características da atividade operacional aí desenvolvida.

Formar um bombeiro/agente de proteção e socorro tem um custo extremamente elevado, pelo que toda a formação que se enquadre em matéria de socorro, progressão de carreira de bombeiro/agente proteção civil, deverá ser custeada na íntegra pelas entidades oficiais.

Toda a formação não diretamente relacionada com a proteção e o socorro das populações, deverá ser entendida como dirigida à atividade empresarial desenvolvida pelas associações e, portanto, custeada pelas mesmas. Um exemplo concreto é o transporte de doentes, atividade desenvolvida pelas associações para obtenção de receita cujas formações e investimentos devem ser custeados pela associação e não por dinheiros públicos.

À semelhança do passado, a Escola deverá a ser a entidade certificada para a formação dos bombeiros em Portugal, independentemente da área formativa, desde que se enquadre legalmente naquilo que os vários intervenientes/agentes de proteção civil executam operacionalmente, sendo para o efeito efetuadas as parcerias com todas as entidades e instituições necessárias para a acreditação e reconhecimento da formação ministrada, quer a nível nacional quer internacional.



Deve a escola voltar a chamar a si tudo o que seja formação de chefias, o que já aconteceu no passado. Deve ainda reavaliar todos os seus formadores externos, de modo a aumentar a qualidade da formação ministrada no exterior, inclusivamente avaliação em termos de saúde dos mesmos, dado que não se entende como se pode ser formador da ENB, quando não se reúne condições físicas/saúde para ser Bombeiro.

Na formação externa a Escola não tem realizado as chamadas auditorias, sendo do conhecimento de todos que a formação externa nem sempre decorre da melhor forma, chegando a haver denúncias que nem sempre são confirmadas. É fundamental garantir o devido acompanhamento destas ações de modo a garantir os mesmos padrões de qualidade que se pretendem alcançar na formação interna, independentemente de ser ou não formação propinada.

Também a formação externa deve integrar o plano de formação da Escola, garantindo-se formadores externos em qualidade e não em quantidade. Esta qualidade, mais uma vez, só se garante com sistemas de gestão da qualidade e auditoria a funcionar, apoiados em inquéritos aos formandos e em auditorias.

Este modo de estar não pode continuar, a escola forma formadores em excesso, eles iniciam a sua atividade e depois a escola não tem feedback se a formação está a ser bem ministrada ou não. Só conseguimos ter este feedback quando algum formando nos chega para frequentar uma ação interna e percebemos que não tem os conhecimentos básicos que deveria ter aprendido nas formações externas acreditadas pela Escola. Um exemplo recorrente diz respeito à formação de ingresso na carreira de bombeiro, que é da responsabilidade dos comandantes dos corpos de bombeiros, com muitos formandos a nunca terem realizado alguns dos módulos que fazem parte do curso em si.

Ao longo dos anos tem sido notória a degradação dos corpos de bombeiros no que se refere, à disciplina e atavio, sendo que também aqui a Escola tem um papel importantíssimo que deve assumir.

A escola deveria ser um local onde a disciplina, o atavio e a ordem unida deveriam imperar. À semelhança de outras forças, a Escola deveria primar pelo exemplo, assumindo-se também nesta vertente tão importante como a escola de todos os bombeiros. É lamentável vermos passar elementos a frequentar os cursos para elementos do quadro de comando dos corpos de bombeiros, mal uniformizados e com atavio pessoal que deixa muito a desejar.

Na ENB todos os formandos estão em processo de aprendizagem, logo não pode haver categorias ou cargos, todos os dias deveria haver lugar à apresentação das formaturas necessárias.